

DAMINI, Gigi

* jornalista; mov. anarquista.

Luigi Damiani, conhecido como *Gigi*, usual diminutivo de Luigi na Itália, nasceu em Roma em 18 maio 1876. Seu pai, migrante do Abruzzo, era proprietário de uma pequena adega; sua mãe faleceu quando o filho ainda era criança.

Nascido e criado nos ambientes populares do centro histórico da capital italiana, desde criança Gigi trabalhou na adega do pai. Frequentou a escola primária até ser enviado pelo pai e pela madrasta, por causa de sua rebeldia, para uma casa de correção de menores em Nápoles. Daí, por ter participado de uma revolta interna, foi transferido para uma casa de detenção. Após esse período, voltou para Roma. Segundo declarou, foram essas experiências, além de sua condição de classe, que o levaram para o movimento anarquista, que conheceu inicialmente acompanhando os fatos ligados ao *affaire Ravachol*, anarquista francês condenado à morte em 1892.

Desde o início sua militância foi caracterizada pela mobilidade: entre 1892 e 1894 movimentou-se entre Roma, a que sempre retornava, Gênova, e diversos centros da Toscana e da Ligúria (onde aprendeu o ofício de torneiro mecânico), onde eram numerosos os núcleos anarquistas e as comunidades operárias. Sofreu nessa época várias detenções, até ser alvo, assim como centenas de anarquistas italianos, das leis repressivas da atividade subversiva promulgadas em 1894, quando foi condenado a dois anos de confinamento em ilhas. Foi durante esse período que, com a ajuda de Luigi Fabbri, começou a escrever seus primeiros artigos.

Em 1897, após a comemoração do 1º de Maio em Roma, sofreu outra prisão por se ter envolvido em embates com a força pública. Tendo ficado na mesma cela do republicano Romolo Frezzi, assassinado na prisão pela polícia, foi testemunha no processo que se seguiu. Em agosto seguinte, com 21 anos, emigrou para o Brasil, diretamente para São Paulo, provavelmente obrigado pela polícia, dentro de um esquema já experimentado desde 1893 de enviar militantes subversivos com passagem paga, como se fossem membros de

núcleos familiares de lavradores contratados para a lavoura do café.

No Brasil, residiu em Itu (SP) até o início de 1898, depois na cidade de São Paulo, de 1898 a 1902, no Paraná (principalmente em Curitiba), de 1902 e 1908, e novamente em São Paulo, de 1909 a 1919. Desde a chegada, sua principal atividade como militante anarquista foi a de jornalista e propagandista. Ao mesmo tempo, desenvolveu diversos trabalhos (chegou a ter um laboratório em São Paulo com o anarquista Augusto Donati para produzir citrato de magnésio), até se fixar nos primeiros anos do século XX como pintor decorador, trabalho que aprimorou e desenvolveu até morrer.

MILITÂNCIA NO BRASIL

Inicialmente, sua militância esteve ligada ao processo de estruturação dos grupos políticos, das ligas de resistência e da imprensa operária em São Paulo no final do século XIX, junto com os socialistas e republicanos radicais e com os companheiros anarquistas que, como ele, haviam sido exilados da Itália em decorrência da repressão ao movimento operário. Expressão dessa ação conjunta, acima das divisões de tendências, eram o *Circolo di Studi Sociali*, do qual se tornou sócio, e seu jornal *Il Risveglio* (O Despertar), de cuja redação participou de 1898 a 1899, até sua extinção, depois que os socialistas se retiraram. No rastro dessa atividade, no dia 20 de setembro de 1898 participou ativamente da organização e da realização da contramanifestação pela comemoração da anexação de Roma ao Reino de Itália ocorrida em 1870, momento fortemente simbólico do processo de unificação do país, e assistiu ao assassinato por linchamento do companheiro anarquista Polinice Mattei, por parte de italianos monarquistas radicados em São Paulo. Em 1901, foi um dos principais organizadores e fundador do grupo anarquista *Pensiero e Azione*, um dos grupos libertários com mais adeptos e mais longevos da capital paulista.

Nesse período, as divisões entre anarquistas e socialistas se cristalizaram, também em São Paulo, em torno das características e objetivos da luta de classes, tanto na definição das greves como das organizações operárias que estavam se formando. Diante dessas questões, cada vez mais foi emergindo a posição de Damiani, que ele conservou ao longo de toda a

sua militância, tornando-se um dos principais expoentes e propugnadores, no panorama do movimento mundial, do anarquismo malatestiano: superação do anarquismo individualista, afirmação do organizacionismo dos grupos libertários por afinidades e regiões, inserção nos sindicatos, vistos como espaço principal de propaganda e atuação, sem favorecer sua estruturação institucional e hierarquizada; em contraste com as greves parciais, realização de greves gerais e, tanto quanto possível, insurrecionais. Era uma posição participativa, mas ao mesmo tempo crítica do sindicalismo, inclusive dos libertários que aderiram ao sindicalismo revolucionário como tendência autônoma e alternativa entre socialismo e anarquismo. Não por acaso, Errico Malatesta, líder reconhecido do movimento anarquista italiano e um dos principais pensadores libertários, manteve constante correspondência com Damiani, considerando-o um de seus principais colaboradores e chamando-o em 1920, quando da volta de Damiani à Itália, para dirigir com ele o recém-fundado órgão da União Anárquica Italiana, *Umanità Nova*.

Foi a partir dos anos 1911-1913, com base em uma análise crítica do excessivo culturalismo e do progressivo distanciamento dos sindicatos e greves da maioria dos grupos anarquistas mais consistentes de São Paulo, que Damiani intensificou sua aproximação com o movimento operário organizado, sem aderir ao sindicalismo revolucionário, mas defendendo e afirmando a auto-organização e a ação direta dos trabalhadores, e tendo uma efetiva participação nos movimentos grevistas. Essa atenção e proximidade com o sindicalismo, elaborada no Brasil, continuou na Itália e só se extinguiu após sua divergência com o anarco-sindicalismo espanhol, mais propriamente com a Confederación Nacional del Trabajo (CNT), depois que seu secretário Angel Pestana, em 1931, se recusou a apoiar um plano de libertação de Malatesta da prisão domiciliar na Itália fascista, revelando-o e desencadeando a posterior repressão do próprio governo republicano (Damiani foi expulso da Espanha em 1936).

Depois de *Il Risveglio*, a atividade de Damiani no Brasil girou sempre em torno do trabalho de redator de periódicos anarquistas (sobretudo de língua italiana). Em São Paulo, trabalhou para *Germinal* (1902) e *Amigo do Povo* (1902); em Curitiba, para onde se

transferiu em 1902 com a companheira, a também militante anarquista Maria Gemma (Emma) Mennocchi, que conheceu no Brasil, escreveu para *Il Diritto* e *O Despertar* (1904-1905, do qual foi diretor). Também em Curitiba foi durante anos, semanalmente, colaborador do principal jornal anarquista brasileiro, o semanário em língua italiana *La Battaglia*, publicado em São Paulo a partir de 1904, com suas “Cartas Paranaenses” (escritas quase sempre em português) e uma miríade de artigos sobre vários assuntos e teóricos. Da mesma forma, continuou sua colaboração com periódicos libertários na Itália. Considerado então uma referência no jornalismo anarquista, o grupo editor de *La Battaglia*, quando o diretor Ristori deixou o jornal, convidou Damiani para ocupar o cargo. A partir de seu retorno a São Paulo até sua volta para a Itália em 1919, seria assim o principal editor de jornais libertários na capital paulista. Extinta *La Battaglia*, fundou e dirigiu *La Barricata* (sua continuação, 1912-1913), *La Propaganda Libertaria* (1913-1914) e *Guerra Sociale* (1915-1917) e terminou sua militância no Brasil como um dos principais colaboradores de *A Plebe* (1917-1919).

Foi nas colunas de *La Battaglia* que apareceu o manifesto escrito por ele, de apoio e estímulo à greve dos pedreiros paulistanos de agosto de 1911. Já como diretor de *La Barricata* expressou no artigo “Deviazioni e specializzazioni: sindacalismo, antimilitarismo, anticlericalismo”, de novembro de 1913, sua crítica aos grupos de afinidades, apresentando a proposta de uma ligação mais efetiva dos anarquistas com a questão social e a luta de classes, para não deixar esse campo somente aos sindicalistas “profissionais” e ao sindicalismo revolucionário, e propugnando a idéia de que uma revolução só poderia acontecer a partir de uma greve geral organizada. Escreveu artigos a favor da organização operária também em *La Propaganda Libertaria* e, nas colunas de *Guerra Sociale*, abriu no fim de 1915 o longo debate “Pro e Contra il Sindacalismo”, declarando-se a favor de uma presença importante dos anarquistas no necessário processo de reorganização sindical que deveria ocorrer em São Paulo.

De fato, em 1917 atuou como uma das lideranças da greve geral de julho em São Paulo, especificamente na organização do Comitê de Defesa Proletária, que coordenou o

desenvolvimento da greve e negociou com a comissão de empresários e jornalistas os direitos alcançados com a paralisação. Por essa sua atividade foi procurado pelas autoridades e condenado à expulsão do Brasil, o que, porém, só ocorreria em 23 de outubro de 1919, após os atentados daquele ano. De 1917 a 1919 foram dois anos de intensíssima atividade política, que continuariam após sua volta forçada à Itália em novembro de 1919. Ali, além de se tornar principal redator de *Umanità Nova*, colaborou com *Guerra di Classe*, órgão da União Sindical Italiana (USI), a confederação que agregava sindicalistas revolucionários e anarco-sindicalistas.

Seu exílio da Itália fascista, onde foi perseguido como uma das lideranças do anarquismo italiano, teve início em 1927 e terminou somente com o fim da guerra, em 1945. Nesse período viveu na França, Bélgica, Alemanha, Espanha e Tunísia, sempre ativo na propaganda e organização do movimento anarquista internacional.

Suas últimas reflexões sobre a luta de classes, o movimento libertário e operário no Brasil, foram publicadas na Itália em 1920 no livro *I paesi nei quali non si deve emigrare: la questione sociale nel Brasile* (Os países para onde não se deve emigrar: a questão social no Brasil). Ali explicava as dificuldades e fracassos do movimento operário no Brasil, pelas características coloniais e escravistas do país e pelo fato de a classe operária ser estruturalmente diminuta e concentrada em relação ao resto do território, além de composta fundamentalmente por imigrantes (trabalhadores estrangeiros em mobilidade constante). Afirmava também que momentos de mais intensa possibilidade revolucionária poderiam ocorrer quando a classe operária assumisse um caráter efetivamente nacional (se sentisse mais enraizada no país), como ocorrera em 1917 na greve geral, e conseguisse se aliar a setores descontentes do Exército.

Faleceu em 15 novembro de 1954.

Luigi Biondi

FONTES: BIONDI, L. *Anarquistas* (p. 117-147); BIONDI, L. *Construção* (v. 1, p. 251-278); DAMIANI, L. *Paesi*.